

## 2. A historicidade dos espaços de botequim na cidade do Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro é conhecido no Brasil e no exterior por seus botequins, assim como a França é conhecida por seus bistrôs, e a Inglaterra por seus *pubs*. Esses estabelecimentos tipicamente brasileiros surgiram com a abertura dos armazéns portugueses no Rio de Janeiro do século XIX. O *Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa*<sup>5</sup> afirma que o termo português 'botequim' vem do italiano *botteghino* e pode significar casa de bebidas, casa de pasto de categoria inferior, café. Em Portugal, a palavra "botica" era usada para definir o comércio de secos e molhados que vendia mantimentos e miudezas, mesmo significado que se atribui à bodega espanhola. Eventualmente, para alguns etimólogos, o termo se origina na provençal 'botica', do grego *apothêkê*.

No entanto, definir conceitualmente um botequim não é tão fácil como parece. A princípio verificamos algumas características básicas que podem ajudar a definir um padrão, tais como comida caseira; prato feito ou petiscos; ambiente informal com decoração peculiar; e principalmente serviço de bebidas alcoólicas. Mais adiante será visto que os agentes sociais também podem definir o espaço.

Os termos usados para nomear esses espaços merecem ser aqui destacados, pois cada qual tem uma característica própria. Tal como "pé-sujo", cuja possível origem seria o costume de colocar serragem no chão do botequim, o que sujava os pés dos clientes; ou o fato de seus frequentadores serem pobres e descalços, logo trazerem sujos os pés. Já "bunda-de-fora" refere-se aos espaços onde os bancos são fixos em frente ao balcão. O termo "cospe-grosso" viria da ideia de que a clientela frequentadora do espaço não mostra boa educação e cospe no chão. "Birosca" seria o botequim situado dentro de uma favela. Temos também, "tasca" e "boteco" como espaços relacionados a botequim.

É importante salientar que inicialmente os botequins não eram somente casa de bebidas, funcionavam também como armazéns de secos e molhados. Ressalta-

---

<sup>5</sup> Dicionário Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=botequim>>. Acesso em: 19 nov. de 2011.

se que a classe social dos seus fregueses influenciava as características físicas do espaço e dos produtos vendidos. Pedro Paulo Thiago de Mello,<sup>6</sup> em sua dissertação de mestrado, cita o bar Casa Villarino, fundado em meados de 1953, localizado na Avenida Calógenas, e o bar Casa Paladino, fundado em 1906, na esquina das ruas Visconde de Inhaúma e Uruguaiana – ambos no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Dois bares que representam essa mistura de funções e continuam em funcionamento até hoje. O Villarino<sup>7</sup> atualmente ganhou o apelido de ‘bar bossa nova’, pois foi no seu espaço que se deu o encontro antológico de Vinícius de Moraes e Tom Jobim, no ano de 1956. Já o Paladino, segundo o guia Rio Botequim<sup>8</sup>, é um bar fiel às origens: ao entrarmos em suas instalações, imaginamos em uma mercearia.



Figura 1 – Casa Villarino. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/posts/2010/01/24/fotografia-esta-na-casa-villarino-259870.asp> >. Acesso em: 19 de nov. de 2011.

<sup>6</sup> THIAGO de Mello, Pedro Paulo. *Pendura essa, a complexa etiqueta na relação de reciprocidade em um botequim do Rio de Janeiro* – Niterói, 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, 2003.

<sup>7</sup> Site da Casa Villarino. Disponível em: <http://www.villarino.com.br/>. Acesso em : 19 de Nov. de 2011.

<sup>8</sup> THIAGO de Mello, Pedro Paulo. *Rio botequim: 50 bares e botequins com a alma carioca*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2004.



Figura 2: Casa Paladino  
Disponível em:< <http://famintosrj.blogspot.com/2010/09/bar-paladino.html>>. Acesso em: 19 de nov. de 2011.

Para melhor compreender a importância do botequim, precisamos contemplar alguns aspectos do panorama social da cidade do Rio de Janeiro do final sec. XIX e início do sec. XX. Esse período é marcado pela transição para a nova ordem capitalista e por transformações da estrutura demográfica, social e econômica. Vale lembrar que, àquela época, o Rio de Janeiro era a capital do Brasil.

O aumento demográfico da cidade ocorreu em virtude da migração de escravos libertos, das zonas rurais para as áreas urbanas, criando assim o estado com maior porcentagem de negros e mulatos. Outro fator de contribuição foi a intensificação dos fluxos imigratórios, principalmente os de origem portuguesa. Vale acrescentar que na maioria eram homens, com idade em torno de 15 a 30 anos. Esse quadro aumentava a oferta de mão de obra, acirrando assim a competição pela sobrevivência.

O período também é marcado por transformações socioeconômicas. Pois é nele que se dá a passagem da relação social do tipo senhorial-escravista para as relações do tipo burguês-capitalista. O início do processo se dá quando é extinto o

tráfico de escravos, e em consequência surgem leis que regulamentam o acesso à propriedade da terra, com a intenção de vetar ao homem *livre*<sup>9</sup> pobre o direito de se tornar pequeno proprietário. A ideia é transformar o homem liberto ou o imigrante em trabalhador assalariado, ou seja, subjugar-los à alternativa de sobrevivência que os donos do capital desejavam. O processo de transformação das relações sociais, burguês-capitalista, transcorre através de muita resistência por parte dos populares; para inseri-los na nova ordem é construída nova ideologia, além de constantes vigilância e repressão judicial, como também policial.

A mão de obra escrava era controlada por meios de castigos, ou por meio de ações paternalistas dos senhores donos da terra. Com o fim da escravidão, para garantir a continuidade de oferta de trabalhadores, era importante que o trabalho assalariado ganhasse um valor positivo. O novo conceito de trabalho passa como algo novo e civilizatório, o agente social deve mercantilizar o seu único bem – sua força de trabalho. O Rio de Janeiro deve se modernizar, copiando a civilização e a economia europeias.

Contudo, o controle dos agentes sociais não se dava somente no campo do trabalho, passava também pela conduta familiar e social, adotando normas e regras compatíveis com a ideia da sociedade burguês-capitalista. Ocorrerá uma vigilância constante também nos espaços de lazer, como o botequim e a rua.

O enquadramento da população pobre acontecerá em todos os níveis, e é no espaço do botequim que estas tensões se encontrarão expostas. Nas discussões será quase sempre deflagrado o preconceito entre o colonizador-explorador-português e o colonizado-explorado-brasileiro, pois é claro que sempre, nos conflitos, os imigrantes se juntavam contra os brasileiros.

Sidney Chalhoub, em seu livro *Trabalho, lar e botequim*, a todo instante relata os conflitos através dos registros policiais por ele analisados. São recorrentes, nesses relatos, palavras referentes à cor e à nacionalidade do indivíduo, definidas como algo positivo ou não. As relações amorosas também tiveram de ser enquadradas na norma de conduta vista como correta pela classe dominante. Sobretudo porque aos trabalhadores se atribuía uma conduta caracterizada pela promiscuidade e pela degradação da família.

---

<sup>9</sup> Leia-se, “livre” da propriedade dos meios de produção, isto é, despossuído.  
CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2ª ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 46.

A importância do botequim nesse cenário é de reduto do lazer popular, e será o local de resistência em relação às ações policiais e judiciárias. Os personagens que participam das ações nos espaços do botequim quase sempre vão deflagrar alguma tensão sempre existente em relação aos contrapontos brasileiro/imigrante, trabalhador /policial, amantes/traídos, forte/fraco. Como exemplo, temos o relato de um conflito entre o caixeiro de um botequim e um dos seus fregueses, publicado em *O Correio da Manhã* no dia 17 de julho de 1906:<sup>10</sup>

Em um botequim [...] na estação do Engenho de Dentro, verdadeira tasca onde se reúnem, à noite, desordeiros e vagabundos, que perambulam pelos subúrbios, promovendo desordens que sempre acabam em terríveis desacatos, deu-se ontem uma cena de sangue. (CHALHOUB, 2001, p. 256).

O que se mostra nesse noticiário é a tentativa de estigmatizar a principal opção de lazer dos trabalhadores, o botequim. Era nesses espaços que os frequentadores jogavam “conversa fora”, sorvendo café, cachaça ou cerveja, encostados no balcão ou em uma mesa. Era através dessa conversa informal que afogavam suas mágoas. O botequim foi um ponto de resistência da classe trabalhadora, da luta contra a imposição das novas regras de conduta. Pode-se dizer que o botequim vai servir como uma forma de integrar o indivíduo em uma comunidade.

Inicialmente os donos dos botequins eram os imigrantes, em sua maioria portugueses, seguidos pelos espanhóis e alemães. Contudo, atualmente pode-se verificar que esses espaços estão mudando de dono. Cresce o número de nordestinos proprietários de botequins. Esse quadro talvez se explique por dois fatores principais. O primeiro ocorre quando os filhos dos imigrantes se recusam a assumir o negócio da família, pois além de exigir trabalho árduo (ficar de pé o dia inteiro e lidar com toda a sorte de temperamentos), este é o tipo de serviço que não gera *status* social na contemporaneidade – o proprietário não é considerado um “empresário”, e sim um simples dono de botequim. Dessa forma, a opção que se apresenta ao dono do negócio é passar o estabelecimento para seu empregado de confiança, que pode ser um garçom ou um cozinheiro, em geral migrantes do Norte e do Nordeste. Normalmente a negociação é feita a preços e condições especiais.

---

<sup>10</sup> CHALHOUB, 2001, p. 256.

Luiz Antônio Machado, em seu artigo *O Significado do Botequim*,<sup>11</sup> salienta a influência da classe social no relacionamento dos agentes sociais que vão interagir com um espaço. Até então abordamos os espaços frequentados pelas classes mais pobres, pois o uso do espaço público pela classe média só começou na virada do século XIX para o século XX. Antes, as pessoas não tinham o hábito de sair de casa. A convivência acontecia nos clubes, nos bailes, às vezes nos saraus. A rua era lugar de negro, malandro e meretriz. A mudança de característica da cidade tem seu ponto de partida quando Pereira Passos, à época prefeito da cidade, dá início ao “Bota Abaixo”, abrindo a Avenida Central, atual Rio Branco. Assim surgem mercearias, cafés e confeitarias, que mais tarde se transformarão nos botequins de hoje em dia. A pequena burguesia sai às ruas para passear e flunar. Todavia, nos bares frequentados pela classe média, a organização social será mais frágil, pois estes estabelecimentos serão usados apenas como mais um dos modos de lazer, sem que se estabeleçam maiores relações entre seus frequentadores. Também será mais óbvia a distância entre os clientes e o dono de botequim e seus empregados. Exemplo de um bar da época que resiste até hoje é o Bar Luiz<sup>12</sup>, cujo dono era um alemão chamado Adolf. Cristina Chacel, em seu guia Rio Botequim, conta que o alemão foi o primeiro “marqueteiro” a surgir nesse campo. Naquela época existia somente o hábito de beber cachaça. Para incrementar as vendas do seu chope, Adolf disputava com seus clientes a “queda de braço”, e o perdedor era forçado a consumir esta bebida e ainda pagar a conta; já o vencedor bebia vinho de graça.

Nos anos 20, outro acontecimento vai alterar a configuração da cidade, o desmonte do Morro do Castelo. Assim, várias construções vão surgir, tais como os cinemas Odeon, Pathé, Império e Capitólio. Já nos anos 30, com Getúlio Vargas no poder, e o Brasil tentando se firmar como moderno e urbano, o Café Nice era a sensação. Por lá passaram nomes importantes, tais como Chico Alves e Ary Barroso. Na Lapa, o ponto era o bar Cosmopolita, chamado de Senadinho, pois era frequentado pelos senadores que davam expediente no Palácio Monroe. Osvaldo

---

<sup>11</sup> SILVA, Luiz Antonio Machado da. “O significado do botequim”. In: *Cidades, usos e abusos*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1978. p. 76-113.

<sup>12</sup> Disponível em: < [TTP://www.barluiz.com.br/](http://www.barluiz.com.br/)>. Acesso em 01 de dez. de 2011.

Aranha comia, nesse bar, um filé com alho torradinho em cima, prato que ganhou fama e ainda leva seu nome em muitos bares da cidade<sup>13</sup>.



Figura 3: Bar Luiz

Disponível em: [http://joelbueno.blog.uol.com.br/arch2009-04-26\\_2009-05-02.html](http://joelbueno.blog.uol.com.br/arch2009-04-26_2009-05-02.html) Acesso em: 01 de dez. de 2011.

No bar Capela, já nos anos 40, ocorreu famosa passagem da história popular, com o lendário Madame Satã e o compositor Geraldo Pereira; este último foi nocauteado com um soco, desferido em resposta à sua provocação: “Aqui veado não bebe!”. Foi também nesse período, marcado pelo nazismo, que alguns estudantes do colégio Pedro II, instigados por Ary Barroso, depredaram o então Bar Adolf, atual Bar Luiz, em protesto contra Hitler. Finda a guerra, com a cidade agora bem maior, expandem-se os domínios dos bares em direção à Zona Sul, à Zona Norte e aos subúrbios. Entre meados dos anos 50 e os anos 60, o Villarino presencia os acordes da Bossa Nova e da MPB. Nos anos 60 também será a vez de o Bar Lagoa, com sua arquitetura *art déco*, participar do movimento da Bossa Nova.

<sup>13</sup> Isabel Aranha Coelho, em seu artigo *Ele é meu bisavô*, revista Tam nas Nuvens, de outubro de 2012, desmente a lenda sobre o filé Osvaldo Aranha, alegando que o político detestava alho, e o restaurante que frequentava era o Minhotá, já fechado.

Fundado em 1934, o atual Bar Lagoa chamava-se Berlim, teve o nome mudado em razão da Segunda Guerra Mundial, e continua até hoje reduto da classe média carioca.



Figura 4: Bar Lagoa

Disponível em: <<http://riodejaneiroadezembro.wordpress.com/2010/10/25/bar-lagoa-depois-de-provar-o-seu-tartar-70-dos-melhores-sabores-do-rio-ja-foram-degustados/>> Acesso em: 02 de dez. de 2011.

No bairro de Osvaldo Cruz, terra da velha guarda do samba, o bar Sobral é o resumo da cultura popular. Fundado em 1874, no Largo do Machado, o bar Lamas era a casa onde os exilados do golpe de 1964 se reuniam depois das passeatas pela volta da democracia. A casa, dizem alguns, não tinha portas, pois era o bar que nunca fechava. Até nos dias de hoje é um dos últimos a fechar, vende do chope ao café da manhã.

São vários os bares que ainda resistem às novas possibilidades que a contemporaneidade permite. Têm por concorrentes os bares tidos como simulacros, os botequins que são suas “cópias imperfeitas”, pois o espírito de botequim talvez não seja reproduzível. Cada um terá, como se diz, o seu *Je ne sais quoi*.